

**Anelisa N. Souza de Almeida**  
Faculdade Anhanguera de Campinas  
E-mail: [ane.nsouza@hotmail.com](mailto:ane.nsouza@hotmail.com)

## **ADOLESCÊNCIA E PSICOPATOLOGIA**

---

### **RESUMO**

A adolescência é um período do desenvolvimento marcado por necessidades, rupturas e aprendizados. Este trabalho apresenta uma revisão de literatura que aborda justamente questões sobre a adolescência, seu desenvolvimento e a relação familiar que cerca o adolescente. Tem também por objetivo apresentar pontos relacionados aos comportamentos psicopatológicos que podem surgir durante a fase do adolecer e as demandas que o amadurecimento exige. Serão apresentadas definições de diferentes autores que permitirão compreender a cerca do tema, destacando também a importância do papel da família no contexto da vida do adolescente, procurando entender até que ponto o suporte dado pela mesma pode contribuir para o desenvolvimento emocional e psicológico esperado nessa idade.

**Palavras-chave:** Adolescência. Comportamento. Desenvolvimento. Psicopatológico.

---

### **ABSTRACT**

Adolescence is a development period marked by needs, ruptures and learning. This paper presents a literature review that deals precisely with questions about adolescence, its development and family relationships surrounding the teenager. It also aims to present points related to psychopathological behaviors that can arise during the phase of adolescence and the demands that maturity requires. Definitions of different authors will be presented allowing a better comprehension regarding the topic, highlighting the importance of the family role in the context of adolescent life, trying to understand to what extent the support given by it can contribute to the emotional and psychological development expected at this age.

**Keywords:** Adolescence. Behavior. Development. Psychopathology

## 1 Introdução

A adolescência é uma fase de muitas mudanças, um momento transitório que muitas vezes não é compreendido pelos adultos que também já foram adolescentes. A formação da personalidade se inicia na infância e é na adolescência que ela se fixa. Mesmo em meio a grandes conflitos tanto de ordem emocional quanto psíquica, este é um momento muito importante durante o adolescer. As transformações sociais, culturais e psicológicas são muito marcantes até que o adolescente chegue à idade adulta.

Sabe-se que as relações sociais, a dinâmica familiar e a personalidade dos pais são de fundamental importância no desenvolvimento da base psicológica do adolescente. Para Aberastury (1981) é esperado que nessa fase da vida aconteçam sérios conflitos entre os pais e os adolescentes, este último, por sua vez, manifesta comportamento patológico ou divergente por consequência de uma insatisfação na relação tanto por parte dos pais quanto pelos próprios adolescentes. Quanto a essa questão, autores como Bock (2004) esclarecem que esses conflitos na relação só acontecem porque é o adolescente que se opõe aos pais, outros como Assis, Pesce e Avanci (2006) apontam que é pela própria dificuldade do adolescente de superar essa fase e outros ainda como Levisky (2000), julgam que as condutas divergentes têm grande influência pelas atitudes patológicas dos pais. Mas independentemente da visão dos inúmeros autores vale ressaltar que a relação saudável com os pais na adolescência é de muita importância, mas até que ponto essa relação com os pais juntamente com comportamentos psicopatológicos vão influenciar para que tais características que surgem nessa fase da vida perdurem para a vida adulta?

## 2 Diferentes aspectos da adolescência

Para se entender melhor as mudanças que ocorrem durante a adolescência são necessárias compreender um pouco sobre alguns aspectos dessa mudança, para tanto, a seguir serão abordados alguns pontos dos aspectos relacionados a mudanças corporais e biológicas, psicológicos e emocionais e por fim aqueles que dizem respeito ao comportamento dos indivíduos que estão passando por este momento de suas vidas.

### a. Aspectos maturacionistas

Num primeiro momento podemos definir adolescência de acordo com o dicionário Aurélio (2008) como fase da vida que é compreendida entre a puberdade e a idade adulta, mas é necessário ir além da definição da palavra para entender todas as mudanças decorrentes nesse momento da vida, uma vez que, relacionado à maturação e desenvolvimento do organismo e mudanças na personalidade, cada momento é marcado por necessidades, impulsos e desejos daquele que muitas vezes age como criança, mas já não tem o mesmo corpo de criança. As mudanças biológicas aparecem e forçam o novo adolescente a ter que se acostumar não só com o novo corpo que está aparecendo, mas também a necessidade de saber lidar com o que isso significa.

De acordo com o referencial cronológico da Organização Mundial da Saúde (OMS) a adolescência é definida como o período que vai dos 10 aos 19 anos, mas deve-se levar em conta que o desenvolvimento biológico de cada adolescente será de forma diferente de acordo com sua hereditariedade. Levando em conta questões relacionadas à puberdade, Tourinho (1998), relata que ela se manifesta por um surto de crescimento, desenvolvendo as gônadas dos órgãos e características sexuais, acontecem também mudanças na composição corporal e sistema cardiorrespiratório; afirma ainda, que a adolescência é marcada por um aumento acelerado do peso e da estatura e a idade de início, duração e intensidade desse crescimento é determinada pela genética e varia de indivíduo para indivíduo. Já Lirio (2012) aponta que a adolescência engloba além dos aspectos biológicos da puberdade os elementos psicossociais próprios dessa fase, influenciados por aspectos culturais, mas que não são deflagrados apenas pelos impulsos fisiológicos. A puberdade é um parâmetro universal ao ser humano impregnado de valores morais e éticos mesmo naquelas culturas que não reconhecem a adolescência socialmente. É mais que um puro indicador biológico. A puberdade também serve como um sinalizador de ritos de iniciação, escolhas de papéis e de construção de relações para a vida adulta do sujeito. É a fase da morte ritual da criança e o nascimento do ser adulto.

Para Ferreira, Farias e Silvere (2003) o início da adolescência é marcado pelas mudanças corporais e o fim dela parece ser marcado pelas mudanças sociais, ou seja, quando o indivíduo completa as tarefas desenvolvimentais do período. A construção da identidade não fica limitada ao período cronológico da adolescência (com final entre 18 ou 20 anos), mas prolonga-se até que o indivíduo consiga realizar, pelo menos, algumas tarefas, com relação à carreira e a independência econômica.

## **b. Aspectos psíquicos e afetivos**

Aberastury (1981) afirma que existe uma busca constante pela identidade totalitária que leva o adolescente a aquisição de ideologias defensivas, onde tanto a identidade quanto a ideologia são necessidades do ego adolescente para integrar-se no mundo adulto e agir nele adequadamente. Percebe-se que os fatores de maior influência na adolescência estão ligados aos primeiros anos de vida, a construção do Édipo é a base psíquica do ser humano, além das figuras maternas e paternas.

Para ela esse período é fortemente marcado pelas mudanças psicológicas que são aliadas a mudanças corporais, também a mudança com os pais e o mundo leva o adolescente a elaborar lenta e dolorosamente um período de luto pelo corpo de criança, pela identidade infantil e pela relação com os pais da infância.

Diante de tantas mudanças o período da adolescência requer um reajustamento psíquico, levando o adolescente a abandonar a infância, mas ainda assim tendo dificuldade de se desprender do lugar de criança, uma vez que a proteção dos pais nesse olhar infantil traz segurança para o adolescente enquanto ocorre o processo de maturação. Sua relação com o mundo social leva-o a um impulso de se desprender da infância, pois olha o adulto como algo que deseja, mas que ainda não está preparado para assumir tal papel. Aberastury (1981) afirma ainda que em meio à crise de identidade e desprendimento que acontece nesse período é normal que os adolescentes apresentem uma série de atitudes incertas que se modificam do dia para a noite, muitas vezes apresentam em sua conduta um comportamento considerado anormal diante da família e da sociedade, mas diante de tantas modificações e conflitos fica difícil considerar o limite de normal e patológico na adolescência, uma vez que este pode em suas atitudes exteriorizar em forma de rebelião, luta, indiferença, desafeto, afastamento, narcisismo, falta de responsabilidade, entre outros inúmeros conflitos interiores de acordo com suas experiências infantis e como seu psiquismo tem se estabelecido desde então.

Passar por uma adolescência considerada normal é passar por diversas situações como distanciamento dos pais, falta de compromisso, mudanças no comportamento e vestimentas, entre outras atitudes que os adolescentes expressam de forma exacerbada, para que possam compreender a si mesmo. Marcelli (2007) afirma que há uma tendência de buscar em um grupo de amigos estrutura para se identificar. A relação com o grupo e seus iguais corresponde ao papel de substituto do ideal do ego, como intermediador ou mediador de sistemas de identificação e de identidade.

A intelectualização e o ascetismo são manifestações defensivas do ego, Silva (2002) relata que, por exemplo, muitas vezes fantasiando o adolescente reconstrói o mundo e apresenta suas teorias filosóficas e políticas projetando toda sua idealização, onde o tempo e o espaço não são levados em conta. O confronto com os pais, as contradições em suas condutas e as mudanças de humor são algumas das atitudes que também surgem nesse período. Marcelli (2007) ainda afirma que uma das particularidades do adolescente é de ser uma pessoa que reclama a sua autonomia e individualidade, mas que ainda permanece dependente do quadro familiar de sua infância. O lugar das relações familiares, sua dinâmica e da personalidade dos pais, logo aparece como um dos fatores determinantes do que é chamado de “crise do adolescente”, sendo um momento de grande importância uma vez que sua ausência seria patológica.

Lebovici (1985) afirma que não haverá crise de adolescência propriamente dita se não tiver uma reorganização específica vivida como tal, pelo sujeito nesse momento. Se a ausência do aspecto crítico vai além das aparências, ela só pode ser um mau presságio quanto à modificação posterior do aparelho psíquico e um indicador bastante desfavorável da organização que a precedeu.

A crise na verdade é um momento temporário de desequilíbrio e de substituições rápidas que põem em questão justamente o equilíbrio normal ou patológico do sujeito. Canguilhem (2002) aponta que o homem visto como normal é “aquele que se mantém adaptado ao seu meio”, mas essa é uma questão que se coloca de forma aguda na adolescência, onde se tem tantos eixos de referência e tantas incertezas que os critérios do que é normal e do que é patológico comparado com outras idades são postos em xeque.

Aberastury (1981) afirma que as características psicopatas podem surgir quando acontece um fracasso no processo de elaboração do luto, onde não se consegue encontrar sua verdadeira identidade. Em face às crises e os pensamentos flutuantes o adolescente pode se isolar ou exacerbar sua relação com o mundo, sua conduta pode se modificar e chegar a uma ruptura tornando-se repetitiva, nesse caso entra a drogadição, a rebeldia, a agressão, a marginalidade, tentativa de suicídio, conduta bulímica, entre outras, assinalando que esse adolescente não conseguiu reconhecer e lidar com os conflitos dele próprio de forma que pudesse projetá-los para fora.

### c. Aspectos comportamentais

Para Calligares (2000) o adolescente, na procura de reconhecimento é altamente seduzido a se engajar por caminhos tortuosos onde, paradoxalmente, ele se marginaliza logo no momento em que viria se integrar. Pois o que lhe é proposto é tentar, ou melhor, forçar sua integração justamente se opondo as regras da comunidade.

Marcelli (2007) relata sobre a diferença entre conduta agida e conduta mentalizada, e é de muita importância saber distinguir essas diferenças, pois nessa idade o agir é considerado como um dos modos de expressão mais importantes nos conflitos e nas angustias do indivíduo. Ele se manifesta na vida cotidiana, cuja força e atividade motriz se desenvolveram brutalmente e manifesta-se igualmente no nível psicopatológico em transtornos do comportamento.

O ato é uma conduta espontânea com uma elevada dimensão positiva, muito rápida, sem reflexão, mas nem por isso totalmente irrefletida. A passagem ao ato é quase sempre violenta e agressiva, com um caráter frequentemente impulsivo e delituoso. Existem alguns fatores que favorecem o agir de todo adolescente de modo geral e não apenas nos que apresentam transtornos psíquicos, tais como fatores ambientais e fatores internos, onde nos fatores ambientais observam-se mudanças de status social no qual deixa de ser visto como criança e assim conseqüentemente trás incitação ao agir. Já os fatores internos estão relacionados às condições de como os fatores psíquicos elaboram a ação desde os primeiros anos de vida e se intensificam na medida em que vai se desenvolvendo psicologicamente e emocionalmente.

Vilhena (2002) comenta que existe uma tendência e comportamento antissocial e este é um sinal de que o meio em que se encontra está em débito tanto para com adolescente. Ela não é um diagnóstico, podendo ser encontrada tanto em indivíduos normais quanto em neuróticos ou psicóticos. Na tendência antissocial há uma necessidade que se exprime em uma externalidade, a culpa é do ambiente. Caracteriza-se por um elemento que compele o ambiente a tornar-se importante. Essa tendência, enquanto conceito, pode ser encontrada desde a normalidade até a psicopatia e nos ajuda a pensar que os adolescentes (e futuros adultos) estão utilizando dessa forma de "chamar a atenção" porque estão percebendo que o meio falha com eles e que, se há futuro, este se encontra na revivência dos papéis parentais para com eles.

## 2 Psicopatologia na Adolescência

Não seria possível falar de psicopatologia sem falar de Transtornos de Personalidade (TP), pois deixaria imensas lacunas do comportamento humano em relação aos transtornos psiquiátricos. O DSM-IV (2002) define os Transtornos de Personalidade como um padrão persistente de vivência íntima ou comportamento que desvia acentualmente das expectativas da cultura do indivíduo, tem início na adolescência ou no começo da idade adulta, é estável ao longo do tempo e provoca sofrimento ou prejuízo. Para Kernberg, Weiner e Bardenstein (2003) esse transtorno traz sério impacto na vida da pessoa, seja na conduta profissional ou escolar, na interação com colegas e com a família, seja no funcionamento cognitivo e emocional, refletindo seu senso de self e outros e por fim sua relação com a realidade de um modo geral. Os autores demonstram em estudos que a prevalência de TP moderados e graves atingiu o auge aos 12 anos para meninos e aos 13 anos para meninas, mas eles são de difícil diagnóstico por envolverem aspectos mais abrangentes do comportamento individual, pois a personalidade ainda não se cristalizou em crianças e adolescentes.

Kernberg, Weiner e Bardenstein (2003) ainda afirmam que observar temperamento, identidade, transtornos evolutivos, afeto e mecanismos de defesa são fundamentais para uma definição de TP e principalmente para entender o que é uma personalidade normal. Um adolescente que apresenta um desenvolvimento emocional dentro do esperado para a idade pode ser descrito como aquele que age de acordo com as normas evolutivas referentes às expectativas de gênero, que estabeleceu um senso de identidade apropriado à idade e que se utiliza de um nível mais bem elaborado de defesas, aceito como regra para sua idade e especificamente demonstrado como fonte de recurso para uso flexível e adaptativo de mecanismo de defesa e enfrentamento. Quando o adolescente se confronta com as demandas de seu comprometimento simultâneo com intimidade física, com a competição de energia e com a autodefinição psicossocial, pode ocorrer uma confusão séria de identidade, pois ela tanto normal quanto patológica é fundamental para conceituar a personalidade normal e o transtorno de personalidade.

Souza, Guimarães e Balone (2004) relatam que aqueles que apresentam características de TP tem em si uma certa fragilidade em seu comportamento, embora não se tenha obrigação de piorar como acontece em outros transtornos. Eles na verdade são desencadeados por algum evento de impacto emocional, experiência vivencial sofrível ou seguido de estresse grave, além disso, os adolescentes

considerados normais também apresentam traços psicopatológicos, mas a força desses traços não é suficiente para que sofram ou façam sofrer, tal como ocorre nos TP.

A psicopatologia em si é definida por Dalgarrondo (2008) como um conjunto de conhecimentos referentes ao adoecimento mental do ser humano. Seu campo de estudo inclui um grande número de fenômenos especiais associados à doença mental e para que esse diagnóstico seja feito, no geral dois sintomas básicos são focados: a forma dos sintomas, ou seja, a estrutura básica da alucinação, delírio, ideia obsessiva, labilidade afetiva, etc., e seu conteúdo, que é aquilo que preenche as alterações estruturais como o conteúdo de culpa, religioso, de perseguição, etc. Esses comportamentos são vivenciados com dimensões próprias e genuínas, não sendo apenas exageros do “normal” e para que seu diagnóstico seja feito é necessário definir normalidade a partir de critérios relacionados às opções filosóficas, ideológicas e pragmáticas do profissional que a estuda.

Já Bergeret (2006) menciona que para Canguilhem (2002, p.131) “o homem normal é aquele que se mantém adaptado ao seu meio”. Para o autor está amplamente demonstrado que pelas observações cotidianas, uma personalidade que é reputada como normal pode entrar, em qualquer momento de sua existência, na patologia mental, mas ele é capaz de voltar ao seu quadro de normalidade quando, independentemente dos seus problemas mais profundos, ele consegue se conformar a eles e adaptar-se a si mesmo.

### **3 Família e Adolescência**

De acordo com Baptista, Baptista e Dias (2001) o conceito de família passou por grandes mudanças nas últimas décadas, acompanhando as tendências de desenvolvimento nos âmbitos econômico, tecnológico, político e cultural. É possível observar grandes transformações nos papéis familiares, relações de poder, valores individuais e coletivos, estrutura e capacidade de decisões referentes à família. Ela é um grupo natural que ao longo do tempo tem desenvolvido padrões de interação e a dinâmica familiar é constituída por esses padrões, que por sua vez governam o funcionamento dos membros da própria família, delineando sua gama de comportamentos e facilitando sua interação (MINUCHIN; FISHIMAN, 1990).

Baptista, Baptista e Dias (2001) ainda afirmam que existe um ciclo que é determinado não apenas por estímulos biológicos e pela interação psicológica, mas também por processos interativos no interior do sistema familiar. Igualmente, o curso



da história futura do indivíduo pode ser previsto à base do clima emocional predominante na família de origem. Porém, nem sempre a família é bastante flexível para proporcionar este desenvolvimento, de acordo com as mudanças das contingências que ocorrem, principalmente na passagem da fase da infância para a adolescência. Já para Vilhena (2002) a legitimidade das funções paterna e materna não acontece nos dias de hoje, talvez, por termos uma sociedade adolescente, na qual não cabe a autoridade como ato de autoria, já que na contemporaneidade temos, sempre, que reinventar tudo de novo, perdendo o que a tradição nos daria como esteio para a criação de novos padrões. Assim, os pais, acabariam por criar uma negligência no ato de criar seus filhos e de criar seus padrões de como lidar com este filho, porque não se sentem como autores de um fazer e de um dizer significado socialmente. Desta forma estariam falhando a função materna primária e a função paterna de ser o ambiente indestrutível, aquele que dá a “moldura” a um “quadro” que está se constituindo enquanto tal.

De acordo Prata e Santos (2007) o grupo familiar tem fundamental importância na constituição dos indivíduos, sendo essencial na determinação e na organização, além de influenciar significativamente no comportamento individual através das ações e medidas educativas no âmbito familiar, portanto esta instituição é responsável pela socialização primária das crianças e adolescentes, proporcionando a adaptação dos mesmos ao seu meio. É no interior da família que o indivíduo mantém seus primeiros relacionamentos interpessoais com pessoas significativas, estabelecendo trocas emocionais que funcionam como um suporte afetivo importante quando os indivíduos atingem a idade adulta e essas trocas são essenciais para o desenvolvimento físico e mental para cada etapa do desenvolvimento psicológico.

Sudbrack (2001) comenta que o período da adolescência pode gerar crises no âmbito familiar que atingem direta ou indiretamente cada um dos membros da família, principalmente a relação entre os pais e os filhos. Isso acontece porque, segundo Ceverny e Berthoud (2001), pais e filhos encontram-se em momentos diferentes de transformação, onde os adolescentes questionam valores e regras familiares, enquanto os pais passam por questionamento e reflexão das transformações que cercam a família.

Sapienza e Pedromônico (2005) relatam que se a dinâmica familiar for conflituosa, pode por consequência, apresentar um número maior de adolescentes com problemas de comportamento e o bom relacionamento entre os pais e seus filhos pode ser considerado como fator de proteção para o cumprimento das tarefas de

desenvolvimento dos adolescentes. Relatam ainda que filhos com problemas psicopatológicos podem sofrer consequências negativas em seu desenvolvimento e, como consequência, esses sintomas aparecem com problemas escolares, delinquência ou uso de drogas. Para Levisky (2000), por mais que o meio familiar tenha sido amistoso, o que é uma utopia no geral, ou mesmo num contexto marcado pela privação de necessidades básicas no nível do corpo e do Eu, a família não pode proteger o adolescente contra as junções hostis do meio social durante muito tempo.

## **4 Conclusão**

Este trabalho não pretendeu fazer uma revisão exaustiva sobre o que é adolescência e os processos que ela envolve, mas entender que estudar as questões sobre a adolescência e seu desenvolvimento relaciona-se diretamente em buscar uma maior compreensão das suas demandas, pois por ser um momento tão transitório e com tantas transformações de nível cultural, social e psicológico requer do pesquisador um aprofundamento maior a respeito do reajustamento psíquico que esse jovem adulto sofre enquanto passa pela busca de identidade.

O presente artigo teve como finalidade principal esclarecer alguns aspectos que são vividos durante o período da adolescência e analisar os conflitos que surgem diante das mudanças que essa fase exige, e assim entender até que ponto os comportamentos psicopatológicos que surgem por conta de tantas mudanças podem acompanhar esse adolescente quando chegar à vida adulta.

A adolescência representa um momento de desenvolvimento do ser humano, sendo inevitável passar por um processo de construção da identidade do indivíduo. A nova postura social requerida desse jovem, que ainda não é adulto, mas também não é criança, exige dele uma resignificação em todo seu aspecto psíquico, onde ele muitas vezes procura um reconhecimento social para conseguir elaborar tantas demandas. É necessário que haja uma reorganização nas vivências do adolescente, de forma que englobe as experiências sociais e aquelas vividas no âmbito familiar, pois entendemos que principalmente esta última tem primordial importância para que haja equilíbrio e substituições saudáveis enquanto o adolescente passa por seus momentos de crise.

Dessa forma entende-se que, se a família não for conflituosa e for flexível o suficiente para proporcionar o desenvolvimento saudável na adolescência, o adolescente conseguirá se sentir adaptado ao seu meio, mesmo que possam demonstrar problemas em seu comportamento, mas estes comportamentos acabam

sendo passageiros por conseguirem elaborar as mudanças exigidas em cada fase. A forma de agir da família também influenciará na vida do adolescente que tem em si um comportamento patológico e que demonstra fragilidade e falta de adaptação diante das demandas do processo da adolescência, contudo, não garantirá que este fique ileso diante das consequências dos sofrimentos dos TP.

Por fim, pode-se compreender a importância desse estudo, pois contribui para maior esclarecimento diante das questões voltadas para a adolescência, seu desenvolvimento e sua relação familiar e social, entende-se também ser necessária a realização de outros estudos, principalmente com maior abrangência em relação aos Transtornos de Personalidade na adolescência.

## Referências

- ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. *Adolescência normal: um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.
- ASSIS, G.S.; PESCE, P.R.; AVANCI, Q.J. *Resiliência: enfatizando a proteção dos adolescentes*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- BAPTISTA, N.M.; BAPTISTA, D.S.A.; DIAS, R.R. Estrutura e suporte familiar como fatores de risco na depressão de adolescentes. *Psicol. Cienc. Prof.*, v.21 n.2, 2001. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932001000200007>
- BERGERET, J. *et al.* Noção de normalidade. In: BERGERET, J. *Psicopatologia: teoria e clínica*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- BOCK, B.M.A. A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão. *CEDES*, v.24, n.62, 2004.
- CALLIGARIS, C. *A adolescência*. São Paulo: Publifolha, 2000.
- CANGUILHEM, G. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- CERVENY, C.M.O.; BERTHOUD, C.M.E. *Visitando a família ao longo do ciclo vital*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.
- DALGALARRONDO, P. *Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais*. São Paulo: Artmed, 2008.
- DSM-IV. *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- FERREIRA, H.B.A. *Dicionário Aurélio ilustrado*. São Paulo: Positivo, 1998.
- KERNBERG, F.P.; WEINER, S.A.; BARDENSTEIN, K.K. *Transtornos da personalidade em crianças e adolescentes*. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- LEBOVICI, S.; KESTEMBERG, E. *A evolução da psicose infantil*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- LEVISKY, L.D. Normalidade, responsabilidade e psicopatologia da violência na adolescência. In: *Adolescência e violência: consequência da realidade brasileira*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

LÍRIO, L.C. A construção histórica da adolescência. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST. São Leopoldo, 2012. *Anais...* São Leopoldo: EST, v.1, 2012, p.1675-1678.

MARCELLI D.; BRACONIER A. *Adolescente e psicopatologia*. Porto alegre: Artmed, 2007.

MINUCHIN, S.; FISHMAN, H.C. *Técnicas de terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas,1990.

OMS. Organização Mundial da Saúde. Disponível em: <http://www.euro.who.int/en/what-we-do/health-topics/Life-stages/child-and-adolescent-health/adolescent-health> Acesso em: abr. 2013

PRATTA, M.E.; SANTOS, A.M. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. *Psicol. Estud.*, v.12, n.2 , 2007. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722007000200005> Acesso em: maio.2013

SAPIENZA, G.; PEDROMÔNICO, M.R.M. Risco, proteção e resiliência no desenvolvimento da criança e do adolescente. *Psicol. Estud.*, v.10 n.2, 2005. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722005000200007> Acesso em: maio.2013

SILVA, N.M. *Fantasia e cotidiano nas histórias em quadrinhos*. São Paulo: Annablume, 2002.

SOUZA,J.C.; GUIMARÃES, A.M.; BALLONE, G. *Psicopatologia e psiquiatria básicas*. São Paulo: Vetor, 2004.

SCHOEN-FERREIRA, H.T.; FARIAS, A.M.; SILVARES, M.F.E. A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório. *Estud. Psicol.*, 2003, v.8, n.1, p.107-115.

SUDBRACK, M.F.O. Dependência de drogas. In: SEIBEL, S.D. TOSCANO JUNIOR, A. *Terapia familiar sistêmica*. São Paulo: Atheneu ,2001, p.403-415.

TOURIHO FILHO, H.; TOURINHO, L.S.P.R. Criança, adolescente e atividade física: aspectos maturacionais e funcionais. *Rev. Paul. Educ. Física*, v.12, n.1, p.71-84, jan/jun. 1998.

VILHENA, J.; MAIA, M.V. Agressividade e violência: reflexões acerca do comportamento anti-social e sua inscrição na cultura contemporânea. *Rev. Mal-Estar Subj.*, v.2 n.2, 2002.